A VIDA MONÁSTICA EM CONTEXTO DE VIOLÊNCIA

*(Testemunho) Guillermo L. Arboleda T. OSB*

*Mosteiro Santa Maria da Epifania*

*Guatapé, Antioquia – Colômbia*

 Justamente quando começava a traçar algumas linhas para o testemunho que agora apresento, recebi um e-mail de duas mulheres amigas que quero muito; faziam-me chegar sua saudação pela festa do Bom Pastor. Partilho alguns parágrafos de sua mensagem, que vem muito ao caso para nossa reflexão de agora.

“Padre Guilherme, pastor destas ovelhas aparentemente ingratas, que há dias não se manifestam. Continuamos nadando no mar das dificuldades, porém, graças a Deus e a suas orações, que sabemos não faltam – como também as nossas por Vocês – não temos naufragado; além disso, já me está falhando um joelho... porém, enquanto não me coxearem a fé, a plena confiança em Deus e a Memória, não é problema grave.

A vida por estes lares continua muito intensa com toda a atividade que gera este *conflito* sem fim, e o universo de vítimas que aumenta cada dia mais e mais, somados os aniversários, já não alcança o calendário para comemorar tanta ausência de nossos seres queridos e dos defensores da humanidade que emigram para a eternidade, vitimas da barbárie que já se tornou rotina.

A 10 de abril, aniversário de Luis Fernando, que teria 55 anos, comemoramos 21 anos de ter resgatado, cavando a terra, os 69 ossos secos, que logo contiveram por quatro anos em uma caixa de papelão na Oitava Brigada do exército, enquanto esgotavam todos os mecanismos possíveis de impunidade para que nunca fosse identificado meu filho e ficara sempre como NN “Jacinto”. Graças a Deus, à nossa fé, acompanhada pela solidariedade dos que foram seus verdadeiros amigos, como Você, Pe. Guilherme, e às orações de todos que foram escutadas, o resgatamos do lixo da história, recuperando sua identidade, fundamento de dignidade.

Já me conhece... converti esta saudação em lista de lamentações; porém, o importante é que com a ajuda de Deus e o apoio espiritual de nosso pastor, continuaremos nossa luta pela dignidade dos filhos de Deus,quem quer que sejam, contra a violação dos Direitos Humanos, onde quer que se cometam, e com a impunidade. Sonho com uns dias aí no mosteiro, ante-sala do céu, para recarregar esta frágil alma, e este corpo já gasto também, de suas energias... Os compromissos imediatos não me permitem agora, mas já lhe previno para que me arranjem um cantinho...”

Elas são d.Fabíola Lalinde e sua filha Adriana; d.Fabíola já passa dos 70 anos; são mãe e irmã de Luís Fernando Lalinde, meu companheiro de estudos no seminário menor, na alfabetização em um bairro popular de Medellín na década dos 70, e pertencentes ambos ao mesmo grupo de nossa adolescência.

No governo de Belisário Betancur, nos ‘80, durante uma trégua com a guerrilha colombiana, derrotada pelos mesmos militares, Luís Fernando, a ponto de graduar-se em sociologia, militante do partido comunista, e que nunca deixou seu trabalho com os pobres nos bairros populares; enquanto prestava uma ajuda humanitária não respeitaram a trégua, e foi detido pelo exército, executado no pátio de uma escola rural e exposto como troféu ante os meninos e demais moradores da zona, e depois, assassinado e desaparecido. Era o dia 4 de outubro de 1984.

A 16 de novembro de 1966, doze anos depois, se pôde celebrar a cerimônia das Exéquias de Luís Fernando, preparadas detalhadamente por d. Fabíola, durante os anos anteriores, e se deu sepultura cristã aos restos que foi possível recuperar. Foram 12 anos de luta tenaz de d. Fabíola e seus filhos. Ela e Adriana, depois de peripécias e pesquisas, que incluíram cárcere para d. Fabíola e seu filho Jorge, e exílio para seu filho Maurício (embora hoje no Canadá), cavando a terra, recuperaram grande parte dos restos de Luís Fernando; porém, o exército os reteve, e com provas falsas de DNA, negaram a identidade de quem denominaram NN”Jacinto”.

De dona de casa e empregada em um armazém de cadeia, d. Fabíola se converteu em porta-bandeira na luta pelos desaparecidos e contra a violação dos direitos humanos e a impunidade na Colômbia. Com novas provas de DNA, ajudada por organismos internacionais, como disse ela mesma, “Recuperamos a identidade de Luís Fernando, fundamento de dignidade”. A Comissão inter-americana de Direitos humanos da OEA declarou culpável o Estado Colombiano, do desaparecimento e assassinato de Luís Fernando Lalinde; foi a primeira vez que este organismo internacional ditou uma sentença deste tipo em relação à Colômbia. Por quase trina anos já, d. Fabíola foi “pedra no sapato” par as instituições governamentais e militares do País, pois sua luta não cessou. Com a “operação ciriri” que subiu ao governo e às forças de segurança do Estado, desde o início da busca de seu filho, continua movendo-se por todo o território nacional, apoiando a luta dos familiares dos desaparecidos, a das mães dos soldados seqüestrados pela guerrilha, e de todos os cantos buscam sua ajuda em alguma causa contra a violação dos direitos humanos e contra a impunidade, sejam a qual grupo pertençam. Especialista em DIH[[1]](#footnote-2)\*, é porta-voz das vítimas e seus familiares em foros nacionais e internacionais. Mulher de fé sólida e com uma original relação orante com o Senhor, de tanto em tanto, visita nosso Mosteiro, “oficina de ajuste e reparação espiritual e de recarga de baterias”, como diz ela mesma. Partilha conosco suas lutas do momento e as causas nas quais está engajada, para que ajudemos com nossa oração, de cuja eficácia ela está cada vez mais convencida.

Mas, sem responder a carta de d. Fabíola, tive um longo diálogo inicial com Andrés, um rapaz de 21 anos, com sinais de vocação monástica, que passava uns dias no Mosteiro. Quando tinha 7 anos, os guerrilheiros mataram suam mãe, jovem professora de escola rural. A razão? não quis emprestar um salão ao grupo guerrilheiro, por medo das represálias que tomariam contra ela os paramilitares e / ou o exército. Andrés passou a viver com sua avó materna. A ausência paterna ocorrera desde muito antes da morte da mãe.

Na família de João Inácio, antigo professo, que deixou o mosteiro, foram os paramilitares, quando ele tinha 12 anos: eles chegaram em uma nite a sua casa no campo, no território indígena a que pertencia, levaram seu pai e seu irmão maior e o torturaram no pátio. A mãe e demais crianças assistiram impotentes a execução , do interior da casa.

Efrén se chamava Frén, quando entrou no Mosteiro; aproveitou sua iniciação monástica para tomar o nome do santo Monge Sírio, Efrén, e cumpriu os trâmites necessários para corrigir em seus documentos o descuido do escrivão que lhe roubou o E inicial de seu nome. Também deixou o Mosteiro, porém, nos visita sempre,sobretudo, quando deve vir da região costeira onde vive até Medellín, ao tribunal e sedes das ONGs que ajuda sua família e a outros lugares de sua região. Já são vários os anos em pleito com o Exército Nacional. Seu irmão menor, de 20 anos, e outros mais, de seu povo, numa tarde, desapareceram... não chegaram a casa... ninguém dava notícia deles; e, quando denunciaram às autoridades o desaparecimento, as respostas sempre foram as mesmas: seguramente, foram recrutados para a guerrilha ou para os paramilitares. Em umas férias do Mosteiro, passando umas horas na biblioteca pública da cidade, folheando um jornal local de data já passada, viu a fotografia de seu irmão e um de seus amigos, sob o título “Dois NN guerrilheiros abatidos pelo Exército em combate”.

Não foi assim. Eles formam parte do grupo grande dos chamados “Falsos positivos”. Para apresenta resultados quantitativos ao governo nacional na luta contra a subversão, e para ganhar uns dias de licença, muitos militares, ajudados por civis, recrutavam nos povoados pobres os rapazes desempregados e os levavam em um caminhão com a promessa de trabalho em uma fazenda... entregavam-nos ao exército, e então, em alguma mata de qualquer fazenda distante, os executavam, punham-lhes armas nas mãos, fotografavam-nos, voltavam com eles ao caminhão e lhes davam sepultura em fossas comuns de algum cemitério distante, com as conhecidas NN sobre a cruz... claro, cruz não lhes faltou.

Em nossa região de Guatapé se reativou o turismo, e se vive agora uma relativa calma. Porém, por vários anos foi frente d guerra entre as FARC, o ELN, as AUC[[2]](#footnote-3)\*, e o Exército Nacional. Passamos o Natal do ano 2000 no Mosteiro, literalmente, ao fragor da metralha e sozinhos, pois todos nossos vizinhos camponeses abandonaram suas casas e lotes. O combate era entre o exército e a guerrilha. Os Paramilitares se instalaram logo na aldeia e assassinaram impunemente a todos os que, segundo eles, eram auxiliadores da guerrilha. Em nossa rua, mataram o professor da escola, vários camponeses vizinhos, entre eles Eduardito, um jovem especial, de 22 anos que não quis receber o diploma de quinto ano primário, porque queria continuar indo à escola. Segundo os paramilitares, este menino era um gancho guerrilheiro perigoso. Foi executado ao meio dia, no caminho da aldeia para o Mosteiro.

Um de nossos irmãos mais velhos conheceu, quando menino, a hostilidade e perseguição dos conservadores aos liberais, incentivados inclusive nos púlpitos. Foi a luta partidária nas décadas de 40-50 e 60. Meu pai e meu avô materno foram assassinados juntos na noite de 13 de dezembro de 1960. Esta vez foram os liberais que dispararam; claro que o único conservador era meu pai... meu avó era liberal... porém, teve que mostrar a cabeça pela porta de seu quarto... fatal erro dos co-partidários...

Sei muito bem que esta narrativa de mortes, melhor, de assassinatos, cansa... inclusive resulta de mau gosto para muitos... soa como a “crônica amarela”, tremenda até a morbidez... Porlém, esses são os rostos da violência, dos violentados e dos violentos, e só de algumas de tantas vítimas... a violência não é meramente um substantivo abstrato. E tomei como amostra a experiência direta dos irmãos do mosteiro, cujos casos cobrem o arco completo dos 60 anos de luta ininterrupta em nosso país, desde a guerra partidária nos ’40 até hoje; claro que a coisa começou com Liberais e Conservadores... e hoje tudo já é com siglas e do princípio ao fim, estamos no mundo das marcas, e assim temos: FFMM, FARC, ELN, EPL, AUC... e podemos somar o último produto, as BACRIM, porém, não se trata de um analgésico, são as ***ba****ndas* ***crim****inosas*, com uma incrível criatividade para seus nomes locais, subproduto dos outros grupos mencionados e dos sicários profissionais, bem pagos nos anos 80 e ’90 pelos chefes do narcotráfico.

Vivemos a vida monástica em contexto de violência, marcados diretamente por ela. E vale aqui acrescentar que muitos de nossos hóspedes recorrem ao Mosteiro, pedindo ser admitidos por uns dias para elaborar seu protesto pela perda de alguém que foi assassinado, desaparecido, sequestrado, que é perseguido, que foi ferido ou torturado. Mães e pais que perderam um filho, assassinado por um dos tantos grupos criminosos já mencionados ou vítima da delinquência comum; esposas que ficaram sozinhas pelas mesmas razões etc. Vêm para chorar e orar, e buscam uma palavra, uma resposta ao porquê que as tortura. Todos nos pedem acompanhá-los com a oração, também os que vêm despedir-se, antes de partir para o exílio, porque sua vida corre risco, se não fugirem.

O clamor das vítimas, dos tombados e dos que choram, reclama com urgência uma resposta da fé no Senhor Jesus Cristo. E ainda tem mais, o clamor mesmo é grito de Deus que sempre vê a aflição de seu povo e chama ao compromisso com a libertação. Em tal contexto de violência, o seguimento de Jesus não pode ser vivido, senão, colocando-se lado a lado com as vítimas; a marcha do cristianismo, individual e de toda a comunidade eclesial, para que seja autêntica, tem que dar prioridade a esta realidade e deixar-se afetar por ela.

Para os monges em primeiro lugar, o Mosteiro é e tem sido o espaço de reconciliação com a própria história, de cura das feridas, de perdão. E quando digo Mosteiro, falo da comunidade monástica, do espaço geográfico e do ritmo de vida que nele realiza a mesma comunidade. Em um contexto de violência, como o que se vive em nosso país, há muito tempo, todos nos temos visto afetados, direta ou indiretamente, pelo conflito, pela violação dos direitos humanos. E é apenas explicável que a reação espontânea á violência, reflexo do instinto primário de sobrevivência, seja responder com maior violência; é explicável, eu não digo justificável, que tal contexto seja ambiente propício para o cultivo de sentimentos de rancor e desejos de vingança. A violência gera violência. É o drama que vivemos na Colômbia, e que se vive em tantas outras partes do mundo, e que aguça e “eterniza” os conflitos, por assim dizer, de alguma maneira. Quando um homem é afetado diretamente por esta barbaridade, quando seus seres queridos são violentados e arrancados da terá dos vivos, irrompe com força bestial e irracional, com ímpeto feroz, o desejo de vingar-se, digamo-lo, claramente: o desejo de matar. Insisto: é explicável que essa força destruidora se manifeste com crueza, repito, como manifestação do instinto de sobrevivência... quando se sente atacada, ergue-se a fera que todos carregamos dentro de nós.

A comunhão fraterna; o encontro com o Senhor Ressuscitado, vencedor da morte e do mal, na celebração litúrgica; a escuta da palavra de vida e a ruminação constante da mesma na Lectio Divina; o silêncio orante; a solidão como espaço aberto à comunicação com Deus e com os irmãos; é o trabalho constante: o encontro com o Senhor na pessoa dos hóspedes, aspectos todos que dão o perfil próprio à vida monástica, são os meios através dos quais o Senhor, no dia a dia, vai sanando as feridas, aplacando a fera rancorosa e vingativa que se esconde encapuzada no interior da pessoa, e conduzindo ao perdão, à pacificação do coração, à Paz de Cristo. É a experiência que vivemos no Mosteiro; por isso, para nós, afetados de uma maneira ou de outra por essa longa contenda, é espaço salvífico.

A experiência de dor e de cura que vivemos, mesmo monges, qualifica a acolhida e a escuta dos irmãos afetados pela violência, que batem à porta do Mosteiro. Com efeito sem muitas cogitações, podemos sentir realmente com eles, calibrar sua dor, que também nós temos conhecido; podemos igualmente compreender, sem considerações moralistas nem juízos de nenhum tipo, a raiva e o ódio que abalam seus corações, e os manifestos desejos de vingança que neles transbordam. E, a partir da salvação de Deus, que experimentamos como libertação do ódio, como entrada no âmbito da misericórdia do Pai, da reconciliação e do perdão, podemos consolar, e anunciar a vida nova que em Jesus Cristo o Pai nos dá. E tudo isto, não como verdades teóricas de catecismo, mas como experiência vital cotidiana, como ação eficaz que o Espírito realiza em nossos corações, sanando suas feridas. O anúncio, quando é testemunho, faz recuperar a força, quando se partilha uma experiência salvífica que se está vivendo no dia a dia.

Nas épocas em que se agudou o conflito em nossa região, fomos visitados por membros dos diversos grupos armados. Alguma vez, das tantas que o exército percorreu nossa montanha, em uma parada de descanso no átrio do Mosteiro, o comandante do esquadrão, muito amavelmente se punha à nossa disposição: que o avisássemos se nos sentíamos em perigo, inclusive nos ofereceu um cartão com o número telefônico de SOS; nós lhe replicamos que não era necessário recorrer ao telefone, que eles sabiam muito bem onde estavam acampados os paramilitares na aldeia e os assassinatos que andavam cometendo... o comandante nos respondeu, guardando seu cartão, que era melhor calar e que não falássemos muito... outra réplica de nossa parte foi dizer-lhe que não mencionaram logo por todos os meios que não havia conivência do exército com os paramilitares. Em outra ocasião, visitados pelos guerrilheiros de uma frente do ELN, os reprovamos porque com sua presença na região, e sua passagem pelas casas (em “visitas domiciliares”) punham em perigo a vida de todos os camponeses da zona pelas represálias dos paramilitares... o que efetivamente sucedeu, como já relatei antes...sua resposta foi: “são os riscos da guerra, companheiros”. Corram Vocês os riscos da guerra, porém não envolvam os inocentes e indefesos, foi também nossa resposta. Os paramilitares não tiveram “a cortesia” de visitar-nos, só nos vigiaram de perto... e nos ameaçaram de falar... sobretudo, de nossa participação nas exéquias das vítimas de seus crimes.

O que acabo de narrar é só uma amostra do que é inevitável, quando se vive em contexto de violência: o confronto direto com os que ostentam o poder repressivo, que pegam as armas. Neste inevitável confronto, há também um chamado do Senhor para falar em seu nome, a palavra profética.

A este respeito são profundamente iluminadoras algumas passagens da vida de São Bento no Livro II dos Diálogos:

Nos capítulos XIV e XV, S. Gregório nos narra a visita do Rei Tótila a Montecassino. De longe, São Bento desmascara a burlesca simulação com que pretendiam enganá-lo. Com efeito, Tótila disfarça com a indumentária real o seu soldado Rigo e rodeado de seu séquito o envia diante do homem de Deus. “Deixa, filho, deixa isto que levas, que não é teu”, é a palavra de Bento. E, enquanto o próprio rei Tótila se mantinha prostrado diante dele, com coragem o repreendeu por seus desaforos e lhe anunciou o fim de seu reinado: “Causas muito dano, muito mal tens feito; já é hora de pôr fim à tua iniquidade...”

No capítulo 27: um pobre acusado por seu credor a quem devia doze soldos; é acolhido e consolado por Bento que, depois de confiante oração do homem de Deus, é auxiliado com generosa solidariedade, e libertado de sua dívida. Igualmente, um homem vítima da inveja de seu inimigo, é envenenado por este, recupera sua saúde, no encontro com o homem de Deus.

No encontro com Bento, nos é narrada, no capítulo XXXI, a violência do godo Zalla e sua conversão. Levando fortemente amarrado um camponês de quem pretendia tomar as terras, Zalla aproxima-se agressivo, do Mosteiro, e pensa também intimidar o homem de Deus. Sem perder a paz, sem prestar atenção aos gritos de Zalla, Bento fixa o olhar compassivo no camponês e este se vê libertado de suas ataduras. Ao arrependido Zalla, Bento trata com fraterna humanidade; porém, o admoesta, aconselhando-o a “parar com aquela insensata crueldade”.

No inevitável confronto com o sistema repressivo e com todos seus agentes, impõe-se, a partir do Evangelho, uma palavra profética da nossa parte, que saiba desmascarar os jogos enganadores do poder, que geram a violência e atiçam o conflito. Esta situação reclama a coragem profética dos discípulos de Jesus, para não calar ante os opressores e, em nome de Deus, reclamar contra seus desaforos.

Ao grito de Deus, a partir das vítimas, urge a resposta do compromisso efetivo, na solidariedade com o pobre; urge não recuar ante ameaças dos poderosos, para fixar, no irmão oprimido, o olhar compassivo que o liberte das ataduras do medo que o paralisa.

É necessário o discernimento lúcido, o confronto franco e ousado, a denúncia corajosa, o olhar compassivo e o compassivo efetivo com as vítimas. E tudo isto vem de Deus, é dom seu, que recebemos d’Ele se nos mantemos fiéis na invocação de seu Nome, na oração fervorosa; sim, como Bento, mantemos nosso olhar no Livro, isto é, se vivemos na escuta assídua e atenta da Palavra; e também se, como Bento, estamos “à porta do Mosteiro”, prontos para a acolhida fraterna e compassiva.

Abri minha intervenção, recordando várias pessoas muito próximas, que foram arrancadas violentamente da terra dos vivos e, ainda que já tenha soado a “crônica amarela”, como já o disse, quis começar minha contribuição dessa maneira, porque impõe-se manter viva a memória deles, da incontável multidão de vítimas da injustiça e da barbárie; a memória mantém vigilantes; o esquecimento leva à negação irresponsável do pecado, ou, pior ainda, à repetição dos crimes. Sabemos muito bem que não faltam os muitos que negam a veracidade histórica do Holocausto, ou que consideram avós loucas e fantasiosas as Mães da Praça de Maio, ou caçoam das manifestações mensais dos familiares dos desaparecidos no átrio da Candelária em Medellín. Porém, manter viva a memória das vítimas não é esgaravatar com morbidez masoquista nas feridas causadas pela guerra... muito ao contrário, é cantar sua vitória, é viver a comunhão dos santos, porque, ainda que tenham sido arrancados vilmente desta história, da mão do Pai, das mãos do Senhor Jesus Cristo não foram separados, como o mesmo Jesus nos assegurou; a força do Espírito de Deus que ressuscitou a Jesus de entre os mortos, os ressuscitou para a vida. A memória é canto de esperança e se torna eucaristia; e este não é um consolo alienante, como pode proclamá-lo a análise materialista da história, não! É a segurança que nos dá a fé em Jesus Ressuscitado. Por isto, para terminar, partilho com vocês algumas linhas de um jovem, comprometido no acompanhamento aos sem teto pela violência, que visitou o mosteiro há alguns anos; escreveu-as um dia, dos últimos do ano litúrgico, a partir das leituras da Eucaristia; são, pois, fruto de sua Lectio Divina:

*Irmãos perseguidos,*

*traídos e esmagados,*

*irmãos oprimidos,*

*e até o fim torturados...*

*no vosso, sangue de verdade;*

*palavra clara do Mestre,*

*que repercute pelos séculos,*

*vosso valente grito;*

*dor fiel, o sofrimento;*

*e a rebelde impotência que carregais,*

*cruz que liberta.*

*Tendes também vencido;*

*a garra do mal tem sido*

*por vosso sacrifício, burlada.*

*Cantastes liberdade*

*e eternamente entoais pregão de triunfo,*

*proclamais a grandeza do amor,*

*do Pai da vida.*

*Continuai cantando!*

*e associai-nos*

*à vossa luta e glória,*

*a vosso sangue e canto!*

*(León Olmos)*

*(Ap 15, 1-4.; Sl 97; Lc 21,12-19).*

1. \* DIH🡪Direito Internacional Humanitário (**NT**) [↑](#footnote-ref-2)
2. \* FARC = Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia. ELN=Exército de Libertação Nacional (da Colômbia). AUC=Autodefesas Unidas da Colômbia (**NT**). [↑](#footnote-ref-3)